

FACULDADE GUAIRACÁ
CURSO DE PEDAGOGIA

MARCOS ANTONIO DO PRADO GONZALEZ

DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GUARAPUAVA
2019

MARCOS ANTONIO DO PRADO GONZALEZ

DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade Guairacá como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia

Orientador: Professor Me. Diego Tecchio

GUARAPUAVA
2019

MARCOS ANTONIO DO PRADO GONZALEZ

DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade Guairacá como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia

Guarapuava, novembro 2019

BANCA EXAMINADORA

Professor Me. Diego Tecchio-Orientador

Professora Ms. Lucineia Moreira De Souza-Curso de Pedagogia

Professor Dr. Willian Bonete-Curso de Pedagogia

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a DEUS, por ter me ajudado nessa trajetória acadêmica, a todos meus queridos professores que durante toda minha graduação colaboraram para minha formação, sempre muito compreensíveis e generosos com a minha pessoa, em especial ao meu orientador Mestre DIEGO TECCHIO, onde não mediu esforços em me ajudar durante toda essa pesquisa, a toda a minha família sem exceção de ninguém, mesmo estando distante fisicamente mas não deixaram de mandar força positiva para que esse sonho se tornasse realidade, a todos os amigos e colegas da faculdade que estiveram presente durante todo esse tempo, apoiando de alguma maneira.

RESUMO

A presente pesquisa aborda a docência masculina na Educação Infantil, tema de relevância devido ao fato do pequeno número de estudantes do sexo masculino na graduação de Pedagogia, bem como atuando na área. Buscou-se discutir e entender a temática, identificando as dificuldades encontradas por professores do sexo masculino em um espaço composto majoritariamente por mulheres. Entrevistamos os professores homens da rede municipal que já atuam na área, questionando como é seu relacionamento com as colegas de trabalho, professoras e funcionárias, bem como lidam com as impressões do senso comum, as expectativas em relação ao gênero masculino, e também acerca da resistência à presença dos homens na pedagogia. Para tanto, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, buscando elencar os trabalhos que tratam a respeito da temática em questão e ainda recorremos a pesquisa de campo, entrevistando quatro professores homens que atuam na educação infantil no município de Guarapuava-PR, finalizando com a análise dos resultados obtidos. **Foi possível concluir que...**

Palavras-chave: Docência Masculina; Educação Infantil; Pedagogia.

ABSTRACT

This research addresses a male teaching in early childhood education, a topic of relevance due to the fact that a small number of male students in undergraduate Pedagogy, as well as in the area of expertise. We sought to discuss and understand a theme, identifying as difficulties encountered by male teachers in a space composed mainly of women. We interviewed male teachers from the municipal network who already work in the area, questioning how their relationship with co-workers, teachers and employees is. As well as dealing with common sense impressions, such as expectations about males, and also about resistance to the presence of men in pedagogy. For that, we made a bibliographic research, seeking to list the works that deal with the respect of the theme in question and to perform a field research, interviewing four male teachers who worked in early childhood education in the city of Guarapuava-PR, ending with an analysis of results obtained.

Keywords: Male teaching; Child education; Pedagogy

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	9
2.2 A PRESENÇA DO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL:UM ESPAÇO SÓ PARA MULHERES?.....	11
2.3 GÊNERO E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	12
2.4 DOCÊNCIA E PROFISSIONALIZAÇÃO.....	14
3. EDUCAÇÃO INFANTIL E GÊNERO: O “SER PROFESSOR HOMEM” NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UM SUJEITO FORA DO LUGAR?.....	15
3.1 EXPERIÊNCIAS DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE PESQUISAS NA ÁREA.....	21
4. EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRESENÇA DE HOMENS EM CMEI’S.....	23
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	24
5. CONCLUSÃO.....	32
6. REFERÊNCIAS.....	33
7. ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....

1.INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa surgiu ao perceber que era muito pequeno o número de estudantes do sexo masculino no curso de pedagogia, e ao realizar os estágios supervisionados na educação infantil, ficou perceptível que não havia professores homens atuando neste espaço, que a presença feminina prevalecia, fato esse que contribuiu para realizar a pesquisa sobre essa temática a fim de identificar possíveis causas e constrangimentos acerca desse assunto. É importante salientar também, que a presente pesquisa tem como objetivo **elucidar a ausência de gênero durante o curso???????**, bem como no local de trabalho, possibilitando uma mudança de visão perante a sociedade e abrindo novos caminhos.

O primeiro capítulo discute a história da educação infantil no BRASIL, o gênero na educação infantil, como ocorreu a sua construção voltada quase que especificamente para o público feminino e a docência e profissionalização, assegurando que este espaço pode ser ocupado por qualquer gênero. No segundo capítulo, abordamos sobre a educação infantil e gênero, elencando questões pontuadas até mesmo na opinião comum acerca do autoritarismo, e o que se esperar de um professor do sexo masculino. E no terceiro capítulo realizamos a análise das entrevistas realizadas com professores do sexo masculino que atuam no município de Guarapuava-PR, concluindo a pesquisa realizada.

1. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Neste primeiro capítulo será feita uma breve retomada a respeito da história da educação infantil no Brasil, a fim de compreender os momentos específicos da história, na qual o magistério foi ocupado predominantemente por mulheres.

O início da educação infantil no Brasil, foi marcado durante o período da industrialização, pela grande necessidade de se ter um local para serem deixados os filhos das mães operárias que atuavam em fábricas e indústrias. A ideia da educação infantil era apenas uma justificativa, como uma espécie de "favor" que os empresários ofereciam às mães trabalhadoras pobres, viúvas ou até mesmo abandonadas pelos companheiros e familiares, que com a extrema necessidade de trabalhar para o sustento da casa, precisavam de um lugar para deixar os filhos. No entanto, nesse contexto, a criança estava acolhida nas creches, mas ainda não havia nenhum tipo de políticas educacionais voltadas para a aprendizagem das crianças. O objetivo era apenas a guarda, o cuidado com a higiene, o cuidado físico e a alimentação (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 81).

Devido às questões culturais, e ao entendimento próprio do período dos papéis de gênero, esse espaço passa então a ter características femininas, onde somente as mulheres, que através de suas histórias de vida tinham esse "dom" e "capacidade" maternal de cuidar de crianças pequenas, e já aos homens eram reservados os trabalhos braçais, pois eram então, considerados como os mantenedores do lar. Logo na década de 1970, a constituição federal define o acesso à creche como um direito de todas as crianças, de toda a população, e não somente direito das mães que trabalham. A partir desse período, a educação infantil passa a ser pensada como um espaço não apenas para as crianças passarem um tempo enquanto as mães e pais trabalham, mas como um momento de educação e aprendizagem.

As mães que trabalhavam, por volta da década de 1970, buscaram juntamente com os movimentos sociais, que o poder público mantivesse as creches, como também criassem outras que fossem melhor organizadas, possibilitando com isso, a conquista de um direito de todas as mães que trabalhavam e precisavam deixar seus filhos em instituições, assim fazendo com que a creche fosse essencial na relação entre patrão e empregado. Com o passar dos tempos, os ambientes

escolares vão passando por transformações, e o número de professoras vai aumentando, e hoje podemos dizer que esse espaço é majoritariamente dominado pelas mulheres professoras.

Com a promulgação da constituição brasileira de 1988, a Educação Infantil passa a ter um capítulo com direito das crianças de 0 a 5 anos. Já na década de 1990, surge o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que contribuiu para implementar as políticas públicas para a educação infantil.

A partir da promulgação do Estatuto da criança e do Adolescente, o vocábulo “guarda” vai sendo substituído por cuidado e, mais tarde, nos anos de 1990, o cuidar passa a ser associado com o educar. (SAYÃO, 2005, p.156)

Surge também, alguns anos depois, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 9394/96, a qual vem definir a educação infantil como sendo a primeira etapa da educação básica. E no fim desse século, a infância passou a ser respeitada e amparada por lei, ganhando então as creches e pré-escolas, referenciais e Parâmetros curriculares, segundo os quais, a função da educação infantil é educar e cuidar da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, o brincar e a higiene, respeitando o caráter lúdico das atividades, sempre enfatizando o desenvolvimento integral da criança.

A educação escolar é organizada pela LDB, em educação básica e educação superior, colocando a educação infantil, como a primeira etapa da educação básica em seus artigos 29 e 30 da referida lei. Etapa que será oferecida em creches para as crianças de zero a 3 anos e em pré-escolas para as crianças de 4 a 5 anos de idade.

1.2 A PRESENÇA DO HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESPAÇO SÓ PARA MULHERES?

Nota-se que ao longo dos tempos, quando visto um professor do sexo masculino na educação infantil, surgem algumas perguntas, tais como: você gosta de crianças? Leva jeito para cuidar de crianças pequenas? O que você está fazendo nesse lugar que é destinado a mulher? Percebe-se que tais preconceitos e dificuldades estão presentes para os professores homens nesse determinado espaço. Ao longo desta pesquisa, se buscará entender os motivos pelos quais a educação infantil ainda conta com tão poucos professores do sexo masculino, e suas dificuldades encontradas durante sua atuação em um ambiente dominado por mulheres.

Bruschini e Amado (2013) afirmam que nos anos 1970, a educação infantil ainda era um espaço dominado exclusivamente por mulheres, mas que com o passar dos tempos ocorre a presença de alguns professores do sexo masculino nesse ambiente, para atuarem como educadores. Com isso a sociedade começa a ter um olhar e uma visão diferentes a respeito da presença de alguns homens atuando na educação infantil.

No ano de 2012, uma pesquisa realizada afirma que existiam somente 6% de professores homens atuando na educação infantil com crianças na idade de 0 a 6 anos, enquanto as professoras eram o total de 94% (Brasil, INEP, 2012).

Sayão (2005) problematiza as afirmações de que o magistério se tornou uma profissão quase que exclusivamente feminina só pelo fato do número de mulheres ser maior que o de homens nessa área, ou seja, para o autor isso é um problema e não uma verdade. Alguns pesquisadores afirmam que essa área não se tornou de verdade uma profissão feminina pelo simples fato de existir mais professoras do que professores, mas por homens estarem atuando em um espaço que para a sociedade é visto como um "trabalho de mulher". Ao se perguntar sobre o professor do sexo masculino na educação infantil, a lei dá o total direito ao trabalho do docente masculino nessa área – Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação, LDBEN 9394/96 (Brasil, 1996), e a Constituição de 1998 (Brasil, 1988) - não diz que esse espaço é somente para mulheres, pois a lei garante a permanência do professor homem nesse espaço.

1.3 GÊNERO E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao se discutir sobre gênero e docência, sobre o professor homem na educação infantil, tal tema vem sendo de muita relevância. Como já citado acima, buscar-se-á entender o porquê do baixo número de professores homens na educação infantil. Louro afirma que,

As diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente "fabricam" os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. De certo modo poderíamos dizer que essas instituições têm gênero [...]. (2012, p.92)

A partir dessa afirmação retoma-se a pergunta: a escola, principalmente a educação infantil, tem gênero? É um espaço exclusivamente feminino?

Ora, respondem imediatamente alguns/as, a escola é feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres — elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas. Ao contrário, dizem outras/os, a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento— e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens (LOURO, 2012, p.92).

Segundo a afirmação do autor, percebemos que tal conclusão depende de uma série de variantes culturais, sociais e históricas, uma situação difícil de ser resolvida. Qual a função do homem e da mulher na escola, quem realmente está no "lugar certo"? O magistério tem realmente um gênero? Há uma enorme discussão sobre gênero da educação infantil, e segundo Jane Felipe (1995)

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à idéia de essência, recusando assim qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicar os comportamentos de homens e mulheres, empreendendo desta forma, uma visão naturalizada, universal e imutável dos comportamentos. Tal determinismo serviu muitas vezes para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas (FELIPE, 1995, p.3).

Notamos que o conceito de gênero tem sido muito debatido em nossos dias, e vem com a função de desconstruir a visão da sociedade atual, onde ser diferente ou agir de modo diferente representa motivo para exclusão, preconceito, discriminação, etc.

2.4 DOCÊNCIA E PROFISSIONALIZAÇÃO

Como a docência e profissionalização estão ligadas a educação infantil? Quem é e quem deve ser professor/professora da educação infantil? Que atitudes são essas de construção de identidade e caminhos profissionais?

O professor/professora da educação infantil não é um cuidador ou cuidadora, nem babá, como alguns pais ainda se referem. Ele/ela é alguém que exerce uma profissão. Recebeu formação para isso. Foi aprovado em um concurso público ou passou por uma entrevista que o habilita a exercer uma função: a função de ensinar na primeira infância. Refere-se, portanto, a uma pessoa que trabalha, está envolvida em práticas de ensino e aprendizagem, cuidado e desenvolvimento humano. A educação infantil vem exigindo profissionais que compreendam a questão de exercícios do magistério, que compreendam o que é docência e profissionalização docente e que estejam engajados na cultura infantil e suas especificidades para este século.

A construção da educação infantil avançou consideravelmente para o profissionalismo docente nesta faixa etária, especialmente para fazer desaparecer a imagem de “mãe” , “tia”- daí o mesmo cuidado ao tratamento do professor homem excluído a imagem de “pai” e “tio” o profissional docente, homem e mulher são dependentes “das condições materiais, sociais e históricas” (SANTOS, 2005, p.92) e, salienta-se, é subordinada ao aspecto temporal, ou seja, não há um tempo fixo para o fim de um estágio em que, ao final de uma etapa indique o início de outra. Docência e profissionalização na educação infantil é uma constante atuação e testagens de “vivências” intrínsecas e extrínsecas, de diferentes modelos, tanto de posição política e profissional, como de ação pedagógica.

3. EDUCAÇÃO INFANTIL E GÊNERO: O “SER PROFESSOR HOMEM” NA EDUCAÇÃO INFANTIL – UM SUJEITO FORA DO LUGAR?

“Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino...”

(Pepeu Gomes)

Ser professor homem de crianças pequenas, principalmente da Educação infantil, é assumir uma identidade profissional em um meio dominado por durante muito tempo, quase que exclusivamente por mulheres. Ainda hoje existe um certo desconforto a respeito desse tema, ou seja, os professores homens carregam uma diferença, e muitas vezes um peso, por atuarem em um espaço que, por questões históricas, sociais e de gênero, espera a profissional mulher que personifica o papel materno. Conforme Silva (2014, p. 47), a figura do docente ao longo do tempo foi se firmando ligado à maneira como a sociedade entendeu o gênero masculino e feminino: “professoras mulheres, diretores homens”. Isso exemplifica um pouco a questão aqui ilustrada, pois ainda segundo o autor, “é assim que a figura feminina moldada à mãe, ao carinho, ao afeto, vai se firmando no espaço escolar da primeira infância, a ponto de, quando do aparecimento de um homem, o fato de causar espanto” (SILVA, 2014, p. 47).

Louro (2000, p. 07) afirma que os professores e professoras, foram e são objetos de representações, e estas não são simples descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos, são sim descrições que os “constituem” e que os “produzem”. Podemos dizer então que as representações atribuídas aos professores e professoras estão baseadas em significados já naturalizados ao longo do tempo, tais como o que se discute no campo de gênero, o “ser homem” e “ser mulher”. O que se espera de um homem e o que se espera de uma mulher, em certa medida, também é o que se espera de uma professora e de um professor; quando esses sujeitos ocupam lugares e papéis que, não são compatíveis com as expectativas da sociedade, existe um descompasso entre a “representação” e a “realidade. Tal descompasso causa um desconforto quando observados na prática cotidiana:

Causa desconforto os professores homens falarem devagar e terem paciência comos(as) pequenininhos(as). Causa desconforto os professores homens levarem as meninas ao banheiro. Causa desconforto os professores homens brincarem com as crianças, sorrirem e “serem palhaços”. Causa desconforto um homem na Educação Infantil, principalmente na creche. (PEREIRA, 2016, p. 95)

Então, qual representação ou característica estão presentes na vida dos professores homens? O que esperar dos professores do gênero masculino na educação infantil? Um homem autoritário? Homem sexuado, ativo e rígido? Quais são as características do professor homem na educação infantil? Algumas características são esperadas não do sujeito “professor”, mas do sujeito “homem”, pois estas características correspondem ao que se espera de um homem na sociedade, seja qual for a profissão que ocupe. Desta forma,

[...] os sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc.). O que importa aqui considerar é que, tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade - que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são estáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 2003, *apud* PEREIRA, 2016, p. 96).

O professor do gênero masculino na educação infantil é, antes de qualquer questão, o profissional da educação. Entende-se que sua sexualidade não deveria entrar em sala, se ele é homossexual, bissexual, heterossexual é uma questão pessoal. No entanto, o espaço escolar é um espaço coletivo em sua essência, um espaço de trocas e de relacionamentos, mas também um espaço marcado pela complexidade das relações sociais.

A consolidação da educação infantil institucionalizada no Brasil nasceu da luta das mulheres trabalhadoras para atender sua necessidade, uma necessidade exclusivamente feminina, visto que a “tarefa/obrigação” de cuidar dos filhos sempre foi um papel socialmente imposto à mãe. Pode-se dizer, partindo desse ponto de vista, que a educação infantil “nasceu feminina”. Ora, partindo desse pressuposto,

cria-se a imagem/representação sobre os professores homens atuando em um espaço majoritariamente feminino enquanto um estranho que ocupa um espaço que não é “legitimamente” seu, por questões historicamente construídas, e papéis socialmente atribuídos.

Esses professores podem ser entendidos, muitas vezes, como que tentando furar as “barreiras de gênero”, enfrentando e convivendo com o estranhamento por ocupar um lugar que, supostamente, não é destinado aos “homens”. Conforme demonstram as pesquisas de Louro (2003), Pereira (2016), Silva (2014), trata-se de lugar comum um professor homem de educação infantil, ou até mesmo acadêmicos em estágio, ouvirem frases de colegas e pais, tais como: “creches é lugar de mulheres, isso não é serviço de homem”, “só pode ser um homossexual para estar trabalhando nessa área, ou um bissexual disfarçado de homem”. A partir dessas e de tantas outras dúvidas da sociedade em relação à atuação do professor homem na educação infantil, surge a pergunta: a educação infantil tem gênero? É um espaço apenas para mulheres? O professor homem deveria atuar neste espaço?

A Educação infantil, conforme até aqui demonstrado, encontra-se historicamente associada à figura feminina, à maternidade, e é vista como o trabalho que precisa estar vinculado a tais características: cuidado, atenção, vocação, paciência, delicadeza, carinho, amor por crianças, etc. No entanto, é aqui que se encontra o contrassenso dos conceitos naturalizados, não problematizados e erroneamente estipulados pela sociedade do que é ser homem e o que é ser mulher. Se o trabalho com a educação infantil necessita de todas essas características, logo só pode ser desempenhado por uma mulher, pois tais adjetivos não combinam com o modelo de ideal masculino que vem sendo alimentado ao longo da educação de gerações e gerações de meninos. Portanto, a presença do professor homem nesse espaço é vista como um risco, um profissional fora do lugar sendo, possivelmente, seu trabalho colocado em dúvida (PEREIRA, 2016, p. 93).

O primeiro censo em relação ao profissional masculino na educação infantil realizado no ano de 1999 apresentava que 14,1% dos profissionais dessa área são do sexo masculino, já 85,9% são mulheres, 10 anos após essa pesquisa, o censo consta 18,2% são professores homens e 81,6% são mulheres, sempre teve a ampla presença de professoras mulheres atuando na educação infantil. Qual a dificuldade

ou impedimento dos professores do gênero masculino atuar na educação infantil (PEREIRA, 2016, p. 76).

Para Sayao (2005), os professores homens que atuam na educação infantil têm a sua sexualidade colocada em cheque, pois se especula que por terem escolhido essa profissão é porque não são “homens de verdade”, “[...] e por outro lado convivem com a indubitável crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que precisa ficar longe dos corpos das crianças” (p. 71). Nota-se tais dificuldades que os professores encontram no meio do caminho, por estar atuando nesse espaço, quando se trata de assuntos relacionados a sexualidade, suspeitas de “ser verdadeiro homem”. Ainda faz parte do senso comum, conforme se pode notar nas entrevistas realizadas para essa pesquisa, e que serão exploradas no próximo capítulo, a ligação do profissional que escolhe trabalhar com crianças pequenas à desconfiança da “pedofilia”.

Saparolli (1998), cita vários motivos que remetem os baixos números de professores homens na educação infantil, tais como: a questão da feminização dessa área de atuação na educação, os baixos salários, as condições inadequadas de trabalho e emprego, o baixo status da profissão, preocupações relacionadas à possibilidade de abuso contra a criança. Vale ressaltar que a presença do professor masculino na educação infantil sempre foi de uma porcentagem baixa, conforme demonstram todos os autores aqui citados.

É bem verdade comentar que os baixos salários dentre outras questões são uma das causas que afastaram os homens da educação infantil, corroborada pelo peso da questão machista que ainda se reproduz na sociedade de que o homem deve ser o provedor do lar, somado às diferenças salariais das profissões predominantemente femininas. Mas falando de professores homens, se os mesmos não estão presentes nesse espaço, surge a dúvida do pesquisador: onde estão os homens? Qual espaço ocupam? (PEREIRA, 2016, p. 77). Demartini e Antunes (2005), em seu texto “Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina”, escrito em 1993, revela o destino dos homens e mulheres em sua profissão. No início do século XX, os professores homens que assumiram a educação infantil e magistério como profissão, segundo as autoras, deixaram de ser professores para atuar na direção, na supervisão, ou em outros cargos, ou seja, saíram da sala de aula, sendo que na atualidade a maioria dos educadores homens estão no ensino

superior. Se por um lado o exercício da profissão da docência masculina na educação infantil é questionado, já no ensino superior é visto como algo natural. Conforme explicam as autoras, os papéis esperados de homens e mulheres nesses dois espaços de atuação são bem distintos, bem como tratam-se de espaços de poder diferentes: um enquanto o espaço “materno”, próprio da mulher, e o outro enquanto o espaço da “autoridade e poder”, destinado aos homens sem questionamentos.

Pereira (2016, p. 80) ressalta que no ensino superior os homens contabilizam 53,3%, contra 46,7% de mulheres; notamos então que os professores homens estão inseridos nessa área de ensino superior, cargos esses de maior poder, status e de melhores salários. Em uma sociedade machista a qual vivemos, parece “natural” uma grande parte dos pais não se sentirem confortáveis em deixar os filhos nas mãos de um professor homem, onde o índice da violência, do abuso sexual, a pedofilia e entre tantas outras coisas que envolvem a vivência infantil hoje e os problemas a ele inerentes; mas vale ressaltar que a violência e as demais questões citadas acima, não parte exclusivamente apenas do homem.

Em seu livro “Gênero na Educação Infantil”, Ramos 2017 menciona dois pontos principais da presença do professor homem na educação infantil: o primeiro seria uma questão psicológica da criança:

[...] Nesse caso, prevalece o caráter compensatório quando a criança cria um vínculo mais estreito com uma figura masculina, especialmente se essa criança é privada no ambiente familiar da figura paterna e convive apenas com pessoa do sexo feminino [...] (RAMOS, 2017,p.26)

Entendemos então que, a partir desse ponto de vista, a presença masculina é vista como “necessária e positiva” no desenvolvimento emocional das crianças, pois muitas crianças são órfãs, não tem seus pais vivos em casa ou até mesmo não recebem o total carinho e atenção na casa a qual vive da presença ou referencial masculino.

Em entrevistas realizadas com professores que atuam na educação infantil no município de Guarapuava PR, as quais analisaremos no próximo capítulo, um dos entrevistados relatou que esse é o maior ponto positivo em relação a sua atuação na educação infantil, pois muitas crianças não recebem esse afeto em casa, a atenção

pelos pais, são carentes de carinho e atenção e a presença do professor homem nesse espaço pode suprir algumas lacunas. Observou-se durante a realização dos estágios supervisionados na educação infantil, que a presença masculina do educador atingiu positivamente as crianças, haja vista que se trata de outra forma de estabelecer um relacionamento pedagógico, um vínculo de aprendizagem na infância.

Outro ponto que destacamos e podemos afirmar que é um ponto positivo, parte um pouco na área da sociologia do trabalho, o mesmo entende que a presença dos professores homens na educação infantil, uma profissão majoritariamente feminina, contribui para equilibrar os tipos de trabalhos, bem como quebrar com certas barreiras na área.

Quanto maior o envolvimento de homens na educação infantil, aumentaria a opção de carreira para eles, contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa de educação básica é um trabalho apenas para as mulheres, alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e, quem sabe, melhorando significativamente os salários, e o status da carreira. (SAYAO, 2005, p.16).

Percebe-se então que a presença do professor homem na educação é vista como alguém fora do lugar. Pois, segundo alguns relatos de professores entrevistados, se essa função masculina pudesse ser evitada, seria melhor para a instituição, mas ao mesmo tempo algo é necessário em alguns aspectos para a melhoria dessa profissão.

3.1 EXPERIÊNCIAS DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DE PESQUISAS DA ÁREA

Após algumas discussões acima do gênero masculino na educação infantil, serão analisadas algumas experiências do gênero masculino na educação infantil a partir de pesquisas, professores que tomaram para si o amor pela profissão, sem olhar para tais dificuldades encontradas nesse espaço majoritariamente feminino.

Joaquim Ramos em seu livro “Gênero na Educação Infantil”, o qual foi desenvolvido por meio de pesquisas e entrevistas com professores homens que atuam na educação infantil, apresenta que cada relato é diferente, e cada um com suas dificuldades; um dos professores entrevistados diz em seu relato:

Tem a curiosidade natural das pessoas: será que ele é hétero, será que é homo? Apesar de casado, pode ser bissexual? As pessoas ficam com a pulga atrás da orelha quanto a essa questão. Não me incomodo de confessar publicamente que tenho trejeitos afeminados e sou absolutamente hétero. (RAMOS,2017,p.93)

Nota-se através do relato desse professor que, as preocupações das pessoas em sua volta não se referem ao seu trabalho, se é um ótimo profissional, se ama o que faz, mas sim preocupações sobre sua sexualidade, seu gênero, se o professor é casado, tem a certa dúvida que o educador poderá ser um bissexual. Ainda falando de seus “trejeitos”, percebemos que se o professor homem tiver as características de um homem delicado, cuidadoso, entre outras definições, isso já é um grande motivo de sua sexualidade ser colocada em xeque.

Ao referirmos sobre o mesmo professor citado acima, alguns meses após essa entrevista acontecer, o entrevistador afirma que o educador foi transferido para outra instituição de educação infantil, e nessa instituição o mesmo foi proibido de dar banho nas crianças do berçário, pois o mesmo havia recebido reclamações de algumas famílias por ter de realizar essa atividade.

Entendemos então, que o gênero masculino na educação infantil é algo muito delicado, não apenas se trata de opressões e certas dificuldades enfrentadas pelas pessoas em redor, mas também das próprias famílias dos alunos das instituições. Agora no que se refere à nossa experiência em período de estágio, fatos

constrangedores também aconteceram, onde ao escolher a turma para realizar o estágio, a diretora da instituição nos levou para a sala dos alunos maiores, pois, segundo ela, seria o mais adequado e melhor para que pudéssemos trabalhar, pois levaria mais jeito nas atividades e não precisava trocar fraldas e dar banho nas crianças. Notamos então que a educação infantil está voltada às atividades da mulher mãe, a sociedade tem a ideia que o homem nasceu para uma atividade, e a mulher já nasceu com esse dom de cuidar e dar total atenção as crianças, e quando encontra um professor homem atuando nesse espaço é natural que as dúvidas e suspeitas surjam.

No próximo capítulo abordaremos de forma direta as entrevistas com os professores homens que atuam na rede de educação infantil do município de Guarapuava/PR, e de uma maneira geral abordaremos suas principais dificuldades e preconceitos enfrentados por atuar nesse espaço dominado pelas mulheres.

4. EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRESENÇA DE HOMENS EM CMEI'S

Neste capítulo faremos as análises de entrevistas realizadas com educadores homens do município de Guarapuava. Procuramos identificar entre as experiências pessoais e profissionais destes sujeitos, pontes de diálogo com os autores citados nos capítulos anteriores, suas pesquisas e teorias apresentadas. Como instrumento para a tal coleta, utilizamos um questionário com questões estruturadas abertas, realizando uma “conversa” com os educadores sendo utilizadas as questões como “guia”, possibilitando aos mesmos, poder explanar suas respostas. A conversa foi gravada com o consentimento dos educadores, no entanto neste texto não citaremos nomes, nem seus locais de trabalho.

As perguntas utilizadas para gerar as entrevistas foram:

- 1- Trajetória de vida e escolha pela profissão docente
- 2- As razões que motivaram a entrada na (pedagogia) educação infantil
- 3- Os principais aspectos relacionados ao cotidiano do trabalho desenvolvidos por professores que se diferenciam daqueles realizado pelas professoras
- 4- Levantamentos de pontos positivos e negativos relacionados a ação de cuidar de crianças pequenas e educa-las sendo homem
- 5- As relações estabelecidas com os demais profissionais e os estranhamentos/preconceitos surgidos nesse campo de atuação
- 6- Quais as maiores dificuldades ou obstáculos encontrados durante o curso, (no período de estágios) e agora atuando como educador, por ser homem.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Os sujeitos entrevistados atuam na educação infantil no município de Guarapuava-PR, tendo suas formações superiores em Pedagogia, em instituições de ensino públicas e privadas do mesmo município. Todos os sujeitos da pesquisa são servidores públicos municipais aprovados por concurso público. Não identificaremos os entrevistados, sendo que no texto serão referidos por Professor “A”, “B”, “C”....

Professor “A” é formado em Pedagogia pela Faculdade Guairacá no ano de 2016, concursado do município e atualmente trabalha na educação infantil com o berçário 3. Já o Professor “B” é formado na Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, no ano de 2012. Logo após sua graduação, prestou concurso e foi chamado para atuar na educação infantil do município e atualmente trabalha com o berçário 3, nas horas vagas “noite e fim de semana, é músico”.

O Professor “C” teve sua formação na Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO. No período de 2012, trabalhou na educação infantil por 4 anos, atualmente está como diretor da mesma instituição, permanecendo no cargo até final de 2019. E o Professor “D” é formado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO, atualmente trabalha na educação infantil no município.

O professor “A” relatou que sua escolha pela pedagogia e educação infantil foi porque ele sempre gostou de crianças, antes mesmo de iniciar sua graduação, ele já possuía experiência com crianças, já trabalhava como brinquedista em sua igreja no município no qual vivia, e durante sua graduação ele atuou como estagiário no pré-escolar. A razão pela qual o levou a atuar na educação, foi através dos estágios obrigatórios do curso, assim, ele nos disse que

Se apaixonou pela educação infantil e isso fez ter certeza que era isso que queria. O educador “A” nos contou que o trabalho dele se diferencia daqueles realizados pelas professoras, pelo fato de ele saber tocar alguns tipos de instrumentos musicais. Em seu relato ele diz

pelo fato de eu ser o único a saber tocar instrumento musical dentro da instituição eu usei isso como estratégia para que meu trabalho seja diferenciado ao trabalho realizado pelas professoras, e foi exatamente através da música que eu conquistei as crianças e os pais delas, pois no

início os pais não estavam gostando da minha presença na instituição, e fui conquistando aos poucos, muitas vezes os pais vieram até mim e disseram que seus filhos chegavam na casa cantando aquelas músicas que eu tinha cantado e tocado no CMEI, então foi através da música que conquistei os pais e as crianças. (Professor A entrevista concedida ao autor em 10/06/19)

Para o professor “A” o ponto negativo em relação ao cuidar de crianças pequenas é exatamente o “cuidar” de crianças, pois segundo o professor, ainda vivemos em uma sociedade machista e para as pessoas isso se remete ao trabalho das mulheres e não de homem, ficando assim a figura masculina em segundo plano para a sociedade, além de que muitos pais de alunos têm um certo receio por conta dos abusos e pedofilia contra as crianças. O ponto positivo, é que consegue desempenhar todos os trabalhos que as professoras mulheres desempenham, ou seja, nada o impede de fazer tal trabalho.

Respondendo à questão 5, sobre os estranhamentos e preconceitos que geralmente ocorrem no ambiente de trabalho, o professor “A” relatou que no primeiro ano que iniciou seu trabalho no CMEI, a direção da instituição fez uma reunião e proibiu o professor de trocar as meninas e levar ao banheiro, e a diretora ainda disse que não gostaria que o professor trocasse sua filha ou levasse ao banheiro. Respondendo uma parte da pergunta 6, citou algo que aconteceu na sua chegada no CMEI para trabalhar, e foi o fato mais chocante e marcante na sua carreira como educador, ou seja, o maior preconceito sobre tal assunto foi de dentro do CMEI ao proibir o professor realizar tais tarefas, em questão de levar os meninos ao banheiro e trocar já era normal, estava autorizado a fazer essas tarefas. Ao assumir um concurso público em nenhuma parte diz que os professores homens não podem trocar e levar as meninas ao banheiro, ou seja, todo trabalho que as professoras mulheres realizam os homens também devem realizar. Passados alguns meses, foi trocada a direção da instituição e assim a diretora que assumiu o CMEI deu permissão para o professor realizar todas as tarefas que as demais professoras realizam.

Suas maiores dificuldades encontradas durante a graduação são os estranhamentos, era o único homem em sala de aula e as pessoas viam como um olhar de rejeição, durante os anos da faculdade as professoras do CMEI onde realizou não o ajudava, não havia colaboração por parte das professoras, agora

atuando como educador tem uma certa rejeição por parte de colegas de profissão, pelos pais de alunos por deixar seus filhos “ao cuidado de um professor homem” (essas rejeições são observadas pelos olhares e comportamentos).

O Professor “B” em seu relato afirmou que iniciou o ensino médio junto com o magistério. Durante o curso do magistério já começou a trabalhar como estagiário em uma escola em turma de alfabetização, após concluir seu ensino médio e magistério, seu início de sua graduação em pedagogia foi pelo fato de sempre gostar da área de ensino, logo alguns meses de formação em pedagogia prestou concurso público para educação infantil e foi chamado, foi o segundo professor “homem” a assumir o concurso público na educação infantil no município de Guarapuava PR, o educador “B” atua no jardim 3 da educação infantil, pelo fato de ser músico trabalha mais com a musicalização com as crianças, as razões pela qual o professor “B” escolheu a pedagogia e principalmente a área da educação infantil, foi pelo fato de ter gostado do magistério e atuar na educação infantil e isso fez com que escolhesse seguir nessa área.

Respondendo a questão 3, o professor “B” no seu ponto de vista não tem algum trabalho que diferencia das demais professoras mulheres que atuam junto com ele, mas foi questão de tempo trabalhando e demonstrando seu profissionalismo e amor pelo trabalho que fez com que seu trabalho fosse igual a das professoras, pois ele faz todo tipo de trabalho igual as demais professoras, única questão que coloca a respeito de ser homem que ao levar as crianças ao banheiro se precisar trocar fraldas, dar banho etc, as demais professoras ficam com uma certa desconfiança pelo fato de ser homem, nunca chegaram a falar que não podia fazer tais tarefas, mas percebe-se no ambiente certa desconfiança. Em resposta a questão 4 o professor nos relata que o ponto positivo de ser homem e trabalhar na educação infantil, é que há muitas crianças que são adotivas de pessoas do mesmo sexo e não tem em sua casa um “pai” de referência e o professor acaba sendo uma referência para elas, e também como a educação infantil é um período integral, as crianças acabam ficando por muito tempo nesse ambiente e o afeto por parte das crianças com o professor e acaba por se tornar um “pai” fora de casa.

O ponto negativo que o professor destaca são os preconceitos por parte dos pais e pela sociedade em geral, pois o tom de voz dos homens geralmente é mais alto do que o das mulheres, e assim fica difícil chamar atenção das crianças quando

necessário. O educador “B” nos contou que foi muitas vezes que ele chamou atenção das crianças e vieram algumas professoras em sua sala perguntando o porquê de ele gritar com as crianças sendo que ele estava em um tom normal de sua voz e isso faz com que seja um ponto negativo e que incomoda ele. Suas relações estabelecidas com as demais colegas de profissão até o momento foram bem críticas, no início de seu trabalho como educador houve professoras que disseram que não podiam trabalhar com ele na mesma sala pois se seu marido soubesse iria ficar bravo ao saber que trabalha com um professor homem.

Um caso que muito marcou sua vida também no início na educação infantil, foi quando ao entrar na educação infantil correram alguns “boatos” de que ele estaria trabalhando nesse lugar apenas para “paquerar”, as mulheres, e essa “fofoca” foi por muito tempo ao ponto de ele entrar na justiça contra uma colega de trabalho, relatando que está em andamento um processo na justiça. A história inventada, segundo o entrevistado, foi de que ele seria o suposto pai de uma professora que estava esperando um filho, e que estaria trabalhando nesse lugar apenas para paquerar as professoras. O caso foi parar na delegacia, e isso foi o que mais marcou sua vida como educador infantil, ou seja trabalha na educação infantil, está quebrando esse tabu ou preconceitos que essa área é apenas para mulheres e não trabalho de homens, e o maior preconceito ou dificuldade encontradas é exatamente dentro da instituição, em relação aos estágios durante a graduação, professor “B” relatou que não tinha experiência em trocar fraldas, ou seja nunca teve contato com crianças e teve muita dificuldade, ao chegar na sala de aula para realizar os estágios as professoras regentes não ajudavam, não ensinavam como fazer tais tarefas o mesmo que dizer para ele “se vira” pelo fato de ser homem e estar em um espaço que ainda é dominado pelas professoras mulheres. O mesmo professor foi o segundo educador masculino a assumir um concurso público na educação infantil no município.

O Professor “C” fez ensino médio junto com o magistério no município do Pinhão PR, ao finalizar o magistério seu sonho era cursar biologia; prestou vestibular para o curso e acabou não passando, então decidiu fazer o vestibular para pedagogia já que era um curso que complementava com o magistério e acabou passando e cursando pedagogia. A escolha pela pedagogia foi exatamente porque queria ser e o contato com as crianças durante o magistério fez com que escolhesse

o curso, durante seus estágios o educador “C” percebeu que realmente se apaixonou pela educação infantil e isso fez com que escolhesse atuar na área da educação infantil, e a única certeza que teve era que não queria trabalhar com o ensino médio.

No ano de 2012 prestou concurso para o magistério e começou a exercer a função de professor na educação infantil, até esse ano o município aceitava ser professor de turma apenas com o magistério, no ano de 2014 prestou concurso do município e ficou atuando como educador infantil em uma das instituições do município de Guarapuava PR. O professor “C” foi o primeiro professor homem a assumir um concurso público na educação infantil no município de Guarapuava PR.

Em seu relato contou que toda a responsabilidade estava sobre ele, pois era o primeiro homem que começou a atuar nessa área, os colegas de profissão e demais colegas da faculdade diziam que se ele não dessa conta de seu trabalho todos os homens que entrassem na educação infantil após ele, viriam com uma imagem negativa que não iria dar conta. Essa “pressão” fez com que ele desenvolvesse seu trabalho da melhor maneira possível para quebrar esse certo “tabu” que educação infantil não é lugar de homem, e que os professores homens não servem para trabalhar com crianças pequenas.

Ao assumir o concurso, quando chegou no CMEI para exercer seu trabalho, para as demais professoras e a direção da instituição ele era visto como um “auxiliar de serviços gerais”, ou seja, todo trabalho que precisava de força chamava ele, por exemplo “trocar lâmpada de luz, carregar algum material que precisava de força etc.” e ao perceber que estava realizando mais essas tarefas como dar aula foi obrigado a dialogar que ele estava ali para ser professor e não um “auxiliar de serviços gerais” que até poderia fazer esses trabalhos mas que foi concursado para ser professor, que ele queria fazer todo tipo de trabalho que as demais professoras exerciam, que foi concursado para fazer o mesmo trabalho que as demais colegas, suas relações com as demais colegas de trabalho sempre foi boa, segundo seu relato a direção da instituição e as colegas acreditavam que ele poderia fazer um bom trabalho em sala de aula, mas sempre se demonstrou confiante em seu profissionalismo.

Sua maior dificuldade em período de estágios da faculdade, foi quando chegou na turma do berçário e ouviu da professora que aquele lugar não era para

homem, que não daria conta de fazer tais tarefas com as crianças. Em seu relato, o professor “C” disse que a profissão trabalha com a formação do ser humano, mas que no próprio ambiente de trabalho existem profissionais com essa mentalidade, com esse certo preconceito que a educação infantil não é lugar de homem, ou seja o maior desafio que encontrou foi da própria professora da sala de aula, ou seja, seu maior obstáculo ou dificuldade atuando como educador infantil, foi provar que era competente para atuar com as crianças, mostrar para as professoras que estava preparado para realizar as tarefas. Por ser o primeiro educador homem concursado no município, as pessoas falavam para ele “vai lá e faz bonito, não vai estragar a imagem dos homens” e isso era como um peso, uma responsabilidade muito grande para ele, pois queria mostrar que o homem pode atuar sim em um espaço onde é visto como tarefa das mulheres.

Professor “D” a escolha pelo curso de pedagogia foi que se agradou pela grade curricular, onde havia as disciplinas como filosofia, história, sociologia, psicologia isso foi o que chamou sua atenção que tinha as disciplinas de seu interesse, no período dos estágios começou a gostar e se interessou pela educação infantil e viu que estava no caminho certo, o motivo a qual levou a atuar na educação infantil em suas palavras:

“Surgiu a oportunidade de fazer o concurso em 2016, fiz apenas por fazer, só para testar conhecimento e fiquei bem colocado, no início de 2017 fui chamado para assumir a vaga e não rejeitei a vaga ”
(entrevista concedida ao autor em 30/07/19)

O que diferencia seu trabalho com o trabalho realizado pelas professoras, é a questão da autoridade, para as crianças a voz masculina a imagem do professor é vista como autoridade, quando as professoras chamam atenção das crianças e as crianças não dão importância aí segundo seu relato ele é chamado para colocar “ordem” ou seja sua presença no CMEI é visto como autoridade e respeito pelas crianças. Essa é a grande diferença que faz com que seu trabalho seja diferenciado.

Ao colocar os pontos negativos e positivos de atuar na educação infantil, o professor “D” relata que os pontos negativos são da parte dos pais, o certo receio que os pais têm de deixar os filhos com um professor homem, os pais não se sentem seguros, parece que algo de errado vai acontecer com seu filho ao deixar

com um professor, mas que na realidade tanto o professor como a professora estão preparados para trabalhar com as crianças, estudaram e tiveram formação para trabalhar com crianças, os pontos positivos são que a presença masculina na educação infantil é rara, e as crianças conseguem olhar de uma maneira diferente, mesmo que seja vista como “uma voz de autoridade” as crianças têm um olhar diferente pelos professores, em seu relato o professor “D” diz;

“Muitas crianças não tem os pais em casa, então o professor no CMEI supre essa falta da imagem paterna na casa, muitas crianças em sua inocência abrem o coração para mim e dizem que meu pai não brinca comigo na casa, pai não para em casa”

Ao dar atenção para as crianças e brincar com elas no CMEI, a gente acaba conquistando as crianças e criando um vínculo com elas, muitas vezes encontro as crianças na rua, supermercado ou em algum lugar e elas vêm correndo me abraçar e isso faz com que os pais tenham mais confiança em meu trabalho pelos filhos demonstrarem esse amor e carinho por mim até mesmo fora do CMEI, então isso faz com que seja um ponto positivo ao trabalhar com a educação infantil.

As relações estabelecidas com os demais profissionais sempre foi boa, segundo seu relato o professor “D” sempre procurou trabalhar coletivamente com os demais profissionais, sempre dando respeito para poder receber o respeito, e nunca fez algumas brincadeiras para poder levar o trabalho sério e nenhuma professora poder questionar seu trabalho realizado no CMEI, o estranhamento que o professor tem em vista que é o único homem em meio a 35 professoras mulheres, e isso as vezes faz com que parece que está no lugar errado ao notar que a presença masculina é única dentro do CMEI.

Para o professor “D” a dificuldade encontrada durante foi que nunca tinha contato com crianças, a primeira vez que teve contato com crianças em sala de aula foi no momento do estágio em seu relato o professor diz que:

“A primeira vez que fui trocar a fralda de uma criança caiu no chão e eu não consegui arrumar, mas houve professoras que depararam com essa situação e vieram me ajudar e até me ensinaram a trocar pois nunca tinha feito essa tarefa, fui bem acolhido pelas professoras”.

Pelo fato da presença masculina ser pouquíssima, as pessoas não chegam a falar pessoalmente mas percebe-se que é visto como alguém fora do lugar, mas para ele esses “estranhamentos” não afetaram nada sua vida acadêmica nem a vida profissional.

5. CONCLUSÃO

Essa pesquisa foi de suma importância, pois através dela pudemos compreender o que levou os professores homens a escolher esse curso onde o espaço é majoritariamente feminino. Observamos que muito do que foi discutido pelos autores que pesquisaram sobre o tema, envolveu a realidade do cotidiano e vivencia dos professores entrevistados, situações como o preconceito por parte dos

colegas de trabalho, família das crianças, calúnias e muitos outros constrangimentos.

Mesmo estando em um espaço majoritariamente feminino e atravessando tantos constrangimentos, os professores entrevistados afirmaram que estão satisfeitos em poder trabalhar com crianças. Apesar de tantas dificuldades que os professores enfrentam em seu espaço de trabalho, observamos também os pontos positivos da presença dos professores do sexo masculino nesse ambiente, pois o exercício de sua função está demonstrando que a educação infantil não é apenas lugar para mulheres, mas sim um espaço para homens também. Colaborando assim, para que essa “imagem” de que a educação infantil é exercida exclusivamente pela figura feminina, seja rompida pela sociedade. **(falta colocar aqui sobre o apelo à figura materna, que por muito tempo esteve e ainda está presente para com a educação de crianças pequenas)**

Através desta pesquisa observamos também que a presença dos professores na educação infantil é composta pelos números mais baixos se comparado as outras etapas da educação básica. Já no ensino médio e superior, a presença de professores homens é de uma porcentagem bem maior e é vista como algo comum, natural, diferente da presença do professor homem na educação infantil.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Pinto Marília, universidade de São Paulo. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos GT sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009)

Claudia Pereira Viana: o sexo e o gênero da docência

DA SILVA, Claudionor, docência masculina na educação infantil: Paco editora, 2014

ELAINA BATISTA SOUZA; quebrando tabus e educação a infância: a permanência de homens nas unidades municipais de educação infantil de belo horizonte.

PEREIRA, Maria. O professor homem o estrangeiro na educação infantil: Appris editora, 2016

Silva, Carme Silva Brasil da. Curso de pedagogia no brasil: história e identidade. 3.ed. campinas, sp: autores associados, 2006

História da educação brasileira: da colônia ao século XX. Dos santos Lopes Santana são Paulo 2015 História da Educação Brasileira a presença masculina nas creches: Pontifica universidade católica de São Paulo puc-sp

SILVA, Claudionor Renato da. Paco editorial:2014. Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão

Pereira, Maria Arlete Bastos, 2016, Appis. Professor homem: o estrangeiro na educação infantil

Ramos, Joaquim.2017, paco editorial: gênero na educação infantil: relação (im)possível para professores homens

MORENO, Rodrigo RuanMerat. Professores homens na Educação infantil do município do Rio de Janeiro: vozes, experiências, memórias e Historias

WAGNER LUIZ TAVARES GOMES: TRANSITANDO NA FRONTEIRA: A INSERÇÃO DE HOMENS NA DOCENCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

KARINE JACQUES HENTGES. Universidade federal de pelotas faculdade de educação programa de pós-graduação em educação. Homens na educação infantil: O que pensa as diretoras sobre isso?